This interview was carried out during research with the Núcleo de Direitos Humanos (Human Rights Group) of the Defensoria Pública do Pará (Public Defender’s Office of the State of Pará). The institutional mission of the Defensoria Pública is to provide free legal assistance to those who need it, with the aim of generating reconciliation and protecting human rights. In Pará, the office works mainly for the indigenous population around issues of land and identity.

The interview was with a female indigenous activist and was carried out by Luciane Rocha in 2017.

**LUCIANE:**

Então, você poderia se apresentar para mim, dizer seu nome, um pouco do seu trabalho aqui na aldeia, a sua função?

**XXXX:**

Meu nome é XXXX XXXX, não é, Tembé. Mas me conhecem mais por XXXX. Eu gosto mais de ser chamada por esse nome.

**LUCIANE:**

XXXX, é lindo, não é? Porque a gente vai, imagina...

**XXXX:**

é.. Então, eu sou técnica em Enfermagem, atuante, estou terminando Serviço Social, não é. Termino esse ano. Graças a Deus. Espero também atuar, não é, como… mais uma profissão. E, eu não sei se eu sou mesmo a liderança. As pessoas me referenciam isso, não é, mas eu não tenho muita ciência não. “ah, eu sou a liderança”. Eu não me acho isso. Mas, eu acho que assim, quando você abraça uma causa, quando você passa a conhecer mesmo, ir para luta, eu acho que aí as pessoas vão logo se referenciando: “ah, uma liderança!”. Então, a luta, aqui não existe… Eu não posso dizer assim “ah, esses negros, esses índios…” entendeu? Direto. A gente não ouve muito dizer. A gente percebe, assim, que ninguém quer ter responsabilidade com a gente. Nós somos uma população aqui, dá uns mil índios aqui, não é, dividido por associações. Somos divididos em dois grupos, e somos todos município de Santa Luzia, mas… Somos assim, entre 5 municípios, mas a nossa referência, município mesmo, pertencemos a Santa Luzia.

Mas ninguém quer assumir. Quando a gente faz procuração de uma coisa, por exemplo, uma professora quer melhorar uma escola… Eles sempre se negam: não, a gente não tem. A gente não está conseguindo atender a nossa demanda. Eles nunca colocam a gente como parte do município. Só aparece na época de eleição, não é? Aí, na época de eleição eles acham que a gente… Para tu ver assim, tu pode andar, correr, não tem nenhum, assim, benefício que eles construíram. Uma escola, uma farmácia, nada, não tem nada. Esse ano que eles deram duas professoras. Nós exigimos, porque o Estado não, não ensina essa parte do prézinho. Eu não sei, eu não sou muito…

**LUCIANE:**

Agora mudou as nomenclaturas todas, não é?

**XXXX:**

Muda tudo, a gente nunca consegue acompanhar, não é?

Aí eles deram duas professoras para ensinar: uma para os pequenininhos, de 3 anos a 5 anos, e outra para ensinar os alunos especiais. E até uma está sem receber. Eram 200 horas que ganhava, e está pagando 100 horas. E a gente está na luta. Então, é assim, a dificuldade é essa. A maior preocupação é pelo território, não é. Duas coisas: o território e cultura. Porque quando você passa a não ter um território demarcado, uma, não é.. Você, a sua cultura já é ameaçada. Então...

**LUCIANE:**

E a cultura está diretamente relacionada ao território.

**XXXX:**

Com o território, não é? Porque se você não tem a sua terra, é, assim, demarcada, homologada... A nossa é demarcada, homologada, só falta a desintrução. Isso é, tirar o pessoal que está dentro, não é, então está faltando isso.

E, a gente sempre tem um território que vai se acabando as caças, os pássaros, e o que? Você vai tendo dificuldade de fazer as suas festas culturais, porque… Capacete, colares, tudo nós fazemos. Principalmente nós, Tembé, a gente usa muita pena de pássaro. E com isso é uma ameaça muito grande, não é? Então, a maior dificuldade que nós sentimos no momento, não é que não existam outras, mas é com essas duas que a gente se preocupa. Com o território, a cultura, não é? A educação a gente está levando, está mais ou menos. Eu acho que sim, está mais ou menos, tem que caminhar.

**LUCIANE:**

Tem escolas ..? Uma escolinha?

**XXXX:**

Temos. Apesar que as nossas escolas estão tudo em construção, entendeu? Tem da Dona Júlia, uma empresa ganhou e só fez o faz de conta, entendeu? Deixaram tudo inacabada. Aí outras que vieram, outras como que diz, administrações que vieram, está como um serviço terminado. E a gente não está conseguindo projetos para terminar essas escolas. Então, nós temos nossas Escolas improvisadas, não é. Funciona uma salinha ali. Vocês passaram na escolinha pequenininha, tem duas salas, aí tem essa casa que estava desocupada, aí já serve de uma sala. E assim sucessivamente. Na igreja … Então, nós não temos uma escola, nós temos os profissionais, não é, que vai...

**LUCIANE:**

Mas a educação daqui vai até que série?

**XXXX:**

Até o ensino.. é o … Médio.

**LUCIANE:**

Vai até o médio?

**XXXX:**

Vai. Tem o Fundamental, não é. Aí o Médio. Isso aí a gente não está tendo problema. E a dificuldade que a gente sente, assim, diretamente é racismo, é preconceito. É isso aí, você nunca assim... A gente tem o direito, mas não é respeitado. É só o direito da gente no papel. A gente, para conseguir as coisas, tem que ser no braço mesmo, não é? Ninguém dá prioridade, acham que a gente… Todo mundo pensa, índio pensa, como se faz uma desculpa. Que a gente, por exemplo, quero uma consulta. Porque nós temos no município uma equipe atuante dentro da área. Mas é só o básico que atende. Média e alta complexidade a gente tem que sair.

Então, a gente precisa, nós somos SUS também, nós precisamos do SUS também. Então, a gente tem dificuldade, entendeu? Aì, não… é o governo que paga você! Vocês tem um salário, todos vocês são assalariados! Então vocês já devem… O tratamento de vocês é por lá, Estado, Governo Federal.

E não é verdade. Então a gente sempre consegue através do Ministério Público, não é, aí vai para a televisão, aí denuncia, aí grita, e é assim que a gente consegue. Mas não um direito que a gente tem e não é? Ah, tu tens o seu direito e a gente vai respeitar, está aqui. não. Nada disso.

**LUCIANE:**

Como você avalia a Legislação, a Política Indígena no papel? Se tivesse, se fosse implementado o que está no papel? Você acha que seria..

**XXXX:**

Para começar, assim, não tem uma Política mesmo voltada para a causa indígena. Não tem. Não é? Então são só faz de contas, eles dão alguma coisa, através de política e tudo, só … Mas muda o governo, começa tudo do zero. Entendeu? Então é muito ruim isso aí..

**LUCIANE:**

Frágil, efêmero, não é? Tanto para população negra como indígena...

**XXXX:**

É. é… Eu ainda acho assim que vocês negros, assim, eu ainda acho que estão bem mais, como é que se diz, não sei se é a palavra certa, eu acho que estão mais estruturados, mais avançados. Entendeu? Eu acho assim a gente bem mais, apesar que a nossa luta é bem mais antiga, bem maior, bem mais… a gente conseguiu avançar pouco.

**LUCIANE:**

Como é que vocês se organizam para tentar acessar as políticas e o Estado? Tem associações que você falou, não é?

**XXXX:**

Tem, a gente tem duas associações, não é? Mas, não é tão assim, bem alimentada, conhecedora, assim. Então a nossa organização são mais as lideranças, mesmo, que lutam. Em nível de Estado e eles… Eu admiro muito, porque são lideranças que a não tem, assim, estudos, não é? E eles conhecem de tudo um pouco. Então a luta mesmo nossa aqui, a conquista é de todos, mas quem briga mesmo é a liderança, nossos caciques. E aí, quando é derrota, é todo mundo. Quando é vitória, é todo mundo. Então, os indígenas, a população indígena, é mais quando vão brigar, vão para o movimento, não é, é a força, a massa mesmo é... Os guerreiros, as guerreiras, mas a questão de lutar, fazer igual, dialogar, é só os nossos caciques.

**LUCIANE:**

O que que é ser um guerreiro indígena?

**XXXX:**

Ah, o que quer dizer um guerreiro? É uma conquista uma luta. É ser forte, é ser esse lutador mesmo, não é. Então a gente nunca pensa em si próprio, a gente pensa sempre que atrás da gente tem uma, um povo, que tem que ser beneficiado, não é. Que tem que ser é… Por mais que eles, eles não querem saber de como a gente vai conquistar, de como a gente está conquistando, eles querem ser atendidos. Então, a nossa, como eu defino guerreiros é isso: é luta. É força. É isso.

**LUCIANE:**

E o que que fortalece vocês para a luta? Olhar com necessidade para frente. Mas também tem uma relação com o passado, com a ancestralidade?

**XXXX:**

Com certeza. Às vezes a gente para e repensa no nossos antepassados, que mesmo sem estudos, sem muitos conhecimentos, sem muito conhecedor da língua, do português, sem muito dominar o português, mas também eles tiveram contribuição. Eles tiveram a luta deles. Era diferente? Era. Porque tudo era novo para eles, não é. Então, isso que a gente encontra forças. Além das nossas crianças, os nossos idosos, os nossos antepassados também, quando a gente para para analisar e ver que nós temos uma luta, nós temos que conquistar. Os nossos antepassados não chegaram a, como se diz, a receber, a ver essa conquista, a viver. Então, isso são frutos dos nossos antepassados, que a gente está conquistando.

Que a gente conquistou muita coisa, não é? Assim como também a gente já perdeu muita coisa. Então, eu acho que nunca houve assim uma retrospectiva: o que foi que nós avançamos, o que foi que nós perdemos. Entendeu? A gente, assim, pesar na balança e ver. Esse nós tivemos, avançamos mais do que perdemos. Nós nunca paramos para ver isso. Só sei que a gente é uma ameaça muito grande para essa parte do território. POrque está… um povo sem território não é nada, não é? Não tem educação, não tem cultura, então eu vejo isso.

**LUCIANE:**

E o que que vocês tem feito para conseguir manter a cultura? Tentar passar para os jovens, as crianças.. Como é que tem sido essa..?

**XXXX:**

Olha, nós já tivemos… É luta, é uma briga, uma briga mesmo de fortalecimento, de… Nós já estivemos piores, não é? Mas quando nós paramos para pensar que nós estávamos perdendo a cultura, a gente estava perdendo a nossa língua materna, que só os idosos que falavam, os jovens já não mais falavam, e aí...

**LUCIANE:**

Tupi?

**XXXX:**

É tupi. E aí foi que nós nos preocupamos… A gente tinha assim, ah, vamos pegar professores de outra região, onde dominavam a língua, para vir para cá. Mas é difícil, você se deslocar, deixar o seu habitat...

**LUCIANE:**

E o professor vem com outra cultura também.

**XXXX:**

É, aí, nós não estávamos conseguindo. Aí, foi que um aluno nosso, um rapaz, um guerreiro, muito jovem, disse eu vou estudar para lá. E nós achamos muito complicado, nós sentimos muito, porque ele nunca tinha saído, era uma pessoa muito recatada. É, e foi lá para Teporá. Passou dois anos. Você vai mas com o compromisso de você voltar. Não vai casar para lá, porque tu casando para lá, eles vão querer te manter lá. Não, mesmo que eu case, eu vou dizer que eu vou voltar. E assim ele fez. Passou dois anos fora, muito jovem, é cunhado da Cuda, não é. E hoje é o professor de língua aqui.

E através dele já veio a Cudã, o marido, e assim está vindo também muitos outros professores não é? E a gente está… Eu sei que é longa a caminhada, ela é demorada, para quem...Mas a gente, hoje, a gente.. E outra coisa, às vezes a própria cultura não é que a gente está perdendo a cultura, estava adormecida, não é? E aí, como uma iniciativa, uma força dali, uma e aí a gente..

**LUCIANE:**

Além da língua, quais outras atividades vocês fizeram para...

**XXXX:**

Resgatar…? A gente não fazia a festa da Moça, a gente não fazia mais. e aí com isso a gente também resgatou a festa da Moça...

**LUCIANE:**

Como é a festa da Moça?

**XXXX:**

É, nós temos vídeos, que a gente fez já… Mas é assim, a menina, quando menstrua a primeira vez, aí a gente faz o mingau, e aí ela já está preparada,e la já está pronta para se casar, para possuir uma família. Então, seus 10, 11 anos, depende de quando ela vai se formar, menstruar a primeira vez, aí a gente faz o mingau e logo em seguida faz a festa. É onde é o ponto final. Ela já está preparada, é a última preparação, e aí, todo mundo sabe que aquela moça está pronta para casar.

**LUCIANE:**

Mas cada família faz a sua festa ou junta um dia ou um mês para celebras as meninas que menstruaram?

**XXXX:**

Não, é assim, digamos assim, um exemplo: a menina se forma e faz o mingau, aí a outra se forma e também faz o mingau...

**LUCIANE:**

E convida as pessoas para...

**XXXX:**

É, aí é todo mundo não é. Aí já a festa da moça mesmo, que é onde vai finalizar mesmo, são 8 dias, porque o mingau é só uma noite. Já a festa da Moça são 7 dias. Aí é todo mundo. Aí se junta aquelas que já fizeram mingau, todo mundo todinho, aí junta. Seis, dez… e assim sucessivamente.

**LUCIANE:**

Tem no youtube essas coisas? Vocês tem...

**XXXX:**

Tem, tem no Youtube. A menina sabe a... Gilmara. A professora Ivânica também tem. A Shirley. A repórter da Cultura. Todos eles sempre vem filmar. Aqui, no alto do Rio, tem festa aqui e na Fraquera.

**LUCIANE:**

E os meninos também tem algum ritual assim?

**XXXX:**

Não, eles acompanham as meninas normalmente. Porque é par, não é? E na festa da Moça elas têm os pares. Cada menina tem que dançar com um menino.

**LUCIANE:**

É… Essa questão do casamento é um problema também para manutenção da cultura? Casamentos interculturais, é, é uma ameaça? Ou alguém vai para a cidade casar com branco...

**XXXX:**

É, é. É um problema muito grande. Nossos indígenas, nossos filhos, não é, casar com pessoas que até de outra etnia, que seja indígena, isso não é problema. Mas ameaça sim, e estão casando muito com pessoas de fora, não é? Já diminuíram bastante, mas agora retornaram. Houve uma parada, por um bom tempo, agora estão de novo se envolvendo, entendeu? Nem todos deles tem aquela consciência de vir e, tipo assim, aderir aos costumes, não é? Por mais que.. ele não vai ser nunca um Tembé. Mas pelo menos respeitar, procurar conviver, aprender como são nossos costumes. Tem outros, tem pessoas que não. Que quer vir trazer os costumes dele para cá. E isso é ruim. Isso é muito ruim.

Aì vem, já vem os problemas. Porque a gente vai contra, não é? Mas aí já tem uma famíla, já tem um vínculo, é uma crise a favor dele. Então isso é um problema. Mas a gente procura resolver. Procura sempre colocar esse pessoal no lugar, conscientizar, não é?

**LUCIANE:**

No caso assim, de uma pessoa Tembé casar com uma pessoa não Tembé, não índio, e tem um filho. Esse menino ou menina vai ser considerado Tembé?

**XXXX:**

Vai.

**LUCIANE:**

Vai. Seja filho do homem ou da mulher?

**XXXX:**

Vai. É direito dele, o mesmo direito. E até o não índio, ele vindo para cá, ele vai ter direito. Esse direito ele não está limitado, assim, ele pode falar em reunião, ele pode votar. Sò assim, ele não tem que se expor tanto. Saber o seu lugar.

**LUCIANE:**

E homens e mulheres têm o mesmo poder político, função? Como é esse negócio de gênero?

**XXXX:**

Olha, assim, como é na população branca, é também nos indígenas, não é, na etnia indígena, eu ainda acho até mais. Porque hoje, por exemplo, aqui, você não vê indígena saindo, mulher. Saindo para reunião, não vê. Tem eu que saio e a Puira. E só. Aí, eles dizem assim “não, mas a gente não proíbe”. Proíbe sim. Porque, por exemplo, quando vem os chamados, geralmente são eles que vão. Não vem cotas, não vem: 10 homens, pelo menos 3 mulheres, não. Vai assim, para Brasília, para fazer um acampamento, aí a gente manda casal. Mesmo porque eu direciono assim, vai aquele casal, e eu sempre vou colocando mulheres. Mas é forte, é bem forte. O machismo.

**LUCIANE:**

E quando vocês, por exemplo, quando um jovem… Qual é a dificuldade, assim, quando um jovem vai para a cidade ou uma jovem vai para a cidade? Elas tem experiências diferenciadas com relação ao gênero e a etnia?

**XXXX:**

Tipo assim, para estudar?

**LUCIANE:**

É, é. Você acha que os homens...

**XXXX:**

Saem mais? Não, não. Não, eu vejo isso aí está igual, está igualado. Até porque os pais mandam, eu acho que os direitos estão iguais aí.

**LUCIANE:**

Com relação a violência. Que tipo de violência você acha que vocês sofrem? Tem casos de assassinato de liderança, de ameaças?

**XXXX:**

Olha, ameaças tem muitas, não é, ameaças. Mas nós, assim, assassinar lideranças aqui, na nossa região, não. Graças à Deus… Tem sido mortos alguns indígenas, mas a gente vê, assim, mais pessoas que tiveram uma outra, um outro caminho. Um que se envolveu com madeireiro, aí outros saíram para viver na cidade… Eles não sabem como é a convivência dessa pessoa. Então, já teve algumas mortes aqui nessa região, mas nós não … como que diz, eu não associei por disputa por terra. Não associei. Mas ameaça tem. Muitas. Das nossas lideranças. Mas a gente, geralmente, as nossas lideranças elas saem pouco. Mas os jovens, mas a nossa lideranças mesmo são bem mais precavidos. Eles sabem que eles estão correndo risco, eles não saem.

**LUCIANE:**

Quantas pessoas são identificadas como Liderança? Quantas pessoas fazem parte?

**XXXX:**

Aqui são 14 aldeias. Cada aldeia, tem o Cacique e uma liderança. Deve ser umas 30 pessoas por aí. Nesta região. Porque tem muita gente que confunde, não é. Nossa área é uma só. Nós, do ALto do Ribamar e o povo da Jamará, que é Tembé também, do Alto do Tucupi. Então, eles lá são eu não sei quantas aldeias, acho que mais do que a gente. E nós, a gente tem o domínio, convive mais aqui. Mas geralmente é um cacique e uma liderança.

**LUCIANE:**

E qual a história dessa separação? Foi mesmo natural, de ir mata adentro, como é que foi?

**XXXX:**

Isso é uma história bem antiga, bem… O pessoal diz assim, que a gente era só um povo, não é. Capitão Poço para cá a gente tinha esse domínio. E Iritu era para cá. Aí, com a invasão, com a vinda de outras...eles falam, não é. Que Capitão Poço é uma… como é que ele diz, é uma mistura muito grande. Cearense, maranhense, e aí com isso, foi que botou a gente para cá com esse nome.

Então, a gente brigou muito. O nosso povo brigou muito com o pessoal de Irituia. Então, a gente tem uma rivalidade muito grande com os irituiano, não é. Então vai se debandar esse povo. Uns correram para lá. TInha esse acesso livre, mas com a invasão, a gente… distanciou a gente. Não podemos ir para lá, e ele não puderam vir para cá. Aí a gente ficou isolados, por muitos anos. Agora que… tem mais o que, uns 15 ou 20 anos que a gente começou processo de ir e vir. A gente começou a visitar uns aos outros. Mas essa separação não foi, assim, por acaso não. Foi passado. A gente vivia correndo, atravessava em Boca Nova, aí outro aqui. Chegou um ponto que eles ficaram para lá, outros ficaram para cá. Foi assim, foi forçada essa … E a nossa liderança ela é só uma. Não é… não sei se é a vó da Gilmara, a… Como é que é? A Verônica. A nossa primeira liderança era uma mulher. E aí, ficou para lá, mas sempre ela começava, não é? E, aqui não tivemos, assim, muitas lideranças. E assim que foi formando novas lideranças, foi formado várias aldeias, e cada aldeia vai ter o seu Cacique e a sua liderança. Chegou o ponto de… a gente éramos poucos aqui. Hoje a nossa ´população acho que dá mil porque nós dá quase 300. Porque como eu te falei, a gente é uma área, mas é dividido em duas Associações. Nós temos a nossa briga interna também. Em todo canto… E a gente chegou num ponto, era só uma, mas a gente brigou e falou: quer saber de uma coisa? Vamos separar. Para gente não se matar, e aí nós nos debandamos, eu e meu irmão. E fomos lutadores, não é? Aì eu fiquei com meu irmão. Na época era 150 por aí. Hoje nós estamos quase 300. Nós éramos aqui, não já era, as 4 aldeias. Mas aí a gente foi crescendo, o pessoal viu que a gente estava cabendo melhor, e já passaram para a gente. E assim vai. [risos] E assim vai.

**LUCIANE:**

E os projetos que vocês desenvolvem é sempre pensando em projetos de minoria? Posto de saúde…

**XXXX:**

É.. sempre para todo mundo. Não tem, assim, projeto individual. Tem as suas coisas, assim, mas já é quando a pessoa consegue do seu próprio esforço. Aqui, por exemplo, você vê tudo casa de alvenaria. Mas porque foi implantado o minha casa minha vida, cheque...

**LUCIANE:**

Cheque cidadão?

**XXXX:**

Não. Cheque...

**LUCIANE:**

Bolsa família?

**XXXX:**

Sei lá… Minha casa minha vida e cheque moradia.

**LUCIANE:**

Ah, sim...

**XXXX:**

Então teve assistência desses dois, e você vê, quase todo mundo… Eu moro aqui. Aqui eu quero mudar no final do ano, estou fazendo aos poucos.

**LUCIANE:**

Ah, isso… Bonita. Daí a senhora mora ali? E esse projeto é recente não é? Governo Lula e Dilma.

**XXXX:**

É. É bem recente. A gente nunca é contemplado com nada assim. Quando a gente chega a ser beneficiado, a população não índia já está enjoada. Aí, tipo assim, quebrou a cara, agora vamos experimentar com o indígena ou com o quilombola. Tipo assim, quebra a primeira cara com o não índio, não é? Porque dão para as Prefeituras, as Prefeituras dão para pessoas que não têm nada a ver. Desviam a… Aí nós somos injustos. Somos má fama.

**LUCIANE:**

E quando tem o corte, também, como aconteceu no Governo Temer, também são os primeiros a...

**XXXX:**

É. Aì somos os primeiros, não é? Os primeiros que sentem na pele são os indígenas, os quilombolas, ribeirinhos.. Então, a gente sabe disso. Ai depoi: Ah, olha, você estão seguindo a lista, vocês estão de parabéns. Porque nos servimos também como piloto, como experiência. Mas não, a gente é os últimos a receber. Que a gente lutava muito tempo para ser contemplado com o Cheque Moradia, Minha Casa Minha Vida… E aí, depois que eles… Porque, é, Cheque Moradia são duas etapas, né? Chega a primeira etapa, metade do dinheiro, aí você faz, quando chega na bercinta, aí você presta conta, aí que o Governo torna a liberar a última parte. Então, eles disseram que, assim, a população não índia geralmente só saia um cheque, só o primeiro cheque. Segundo não ia receber porque, eles diziam, que não prestava a conta. Eles vendiam o cheque, trocavam por outra coisa não é. Então, até o pessoal que.. que a gente escolheu uma loja para trocar, não é, pegar o cheque para trocar por material. Aì eles diziam só se for vocês que vão receber o segundo cheque, aqui todo mundo só recebe o primeiro cheque. Nós falamos: não! Nós vamos receber o segundo cheque, a gente vai receber sim, nós vamos correr atrás. E todo mundo recebeu o segundo cheque. Tem umas 5 que ainda não, porque foram os últimos que receberam, ainda não receberam a segunda parte. Mas eles estão dizendo que vão liberar a segunda parte. Então eles dizem que… E muitos dos não índios ofereceram para gente, porque sabiam que a gente estava construindo. Aí, por exemplo, 7 mil eles davam por 3 mil não é? “Ah, vocês querem o cheque? Eu dou para vocês. Vocês me dão 3 mil” Só que não é negócio, porque… Por exemplo, ficava com 3, 4 mil, eles ainda tem o desconto deles também. Não é vantagem. Mas eles não estão nem aí. ELes vem com mixaria..

[alguém chamando]

**LUCIANE**

Me apressando… Mas eu acho que era basicamente isso.

Ah, quem vocês identificam como sendo parceiros na luta? Contam, não é, como parceiros para ajudar nos projetos, ou para trazer melhorias para a aldeia, para manter os direitos...

**XXXX:**

Olha, nós temos a Ceme, não é, nós temos o Funai, nós temos o Ministério Público, tanto Estadual quanto Federal, não é. Nós temos.. esses são os parceiros da gente que a gente conta. E tem várias Associações, órgãos que a gente se s=esquece de nome. Mas temos várias que orientam, que ajudam a gente a correr atrás de Projetos. Tem muitos...

**LUCIANE:**

Você estãopensando, pensou em fazer os protocolos de consulta ou esse debate não chegou por aqui?

**XXXX:**

A gente sabe que está a nível nacional, não é. E a gente… Já quando chega para cá, os primeiros a se informar são os Caciques, não é, que vão para a batalha não é? Mas em nível Nacional mesmo. Mas a gente…

As promessas são tão grandes, são tão boas. As promessas… Mas rapidinhos, quando a gente vê que está animada para certas … sempre vem um contra ponto. Temer cortando tudo. Isso é muito ruim. Pode cortar muito, não é?

**LUCIANE:**

O que você acha dessa… querer implementar como marco temporal 88, esse debate, demarcação das terras?

**XXXX:**

Isso é uma catástrofe que vai acontecer não é? É um retrocesso muito grande para gente. E a gente não sabe, a gente assiste televisão só é, só fala, em cortes, em direitos indígenas, os menores assistidos, sendo violados. Então a gente… é muito triste isso. A gente vê… a gente não vê o final, não tem uma expectativa, uma perspectiva de melhora. A gente não vê. infelizmente, as eleições estão se aproximando e a gente não sabe em quem votar. Não está sabendo em quem votar.

**LUCIANE:**

Complicado mesmo, e a tendência é só...

**XXXX:**

Só o nosso Deus mesmo. Sò a benção divina porque… a gente não sabe.

**LUCIANE:**

Está bom, XXXX. Obrigada por essa conversa. A gente tem que ir. Encarar essa estrada novamente. A Gilmara queria que a gente ficasse, dormir, para no outro dia conhecer mais. MAs infelizmente não vai ser possível.

**XXXX:**

Certo.. está bom.